



Acta Scientiarum. Biological Sciences

ISSN: 1679-9283

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Medeiros Costa Neto, Eraldo; Ribeiro Rodrigues, Rosalina Maria de Fátima  
Os besouros (Insecta: Coleoptera) na concepção dos moradores de Pedra Branca, Santa Terezinha,  
Estado da Bahia  
Acta Scientiarum. Biological Sciences, vol. 28, núm. 1, enero-marzo, 2006, pp. 71-80  
Universidade Estadual de Maringá  
.png, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=187115870012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# Os besouros (Insecta: Coleoptera) na concepção dos moradores de Pedra Branca, Santa Terezinha, Estado da Bahia

Eraldo Medeiros Costa Neto\* e Rosalina Maria de Fátima Ribeiro Rodrigues

<sup>1</sup>Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, Km 3, Br 116, 44031-460, Feira de Santana, Bahia, Brasil. *Author for correspondence. e-mail: eraldont@hotmail.com*

**RESUMO.** Besouros (Insecta: Coleoptera) são percebidos, conhecidos e utilizados por moradores do povoado de Pedra Branca, localizado no Estado da Bahia, Brasil. O trabalho de campo foi realizado entre abril e dezembro de 2004. Os dados foram obtidos com 49 indivíduos (20 do sexo masculino e 29 do sexo feminino) por meio de entrevistas semi-estruturadas e gravadas, seguindo-se uma abordagem emicista. Os resultados mostram que o genérico “besouro” é usado como uma categoria etnotaxonômica que reúne organismos sistematicamente não relacionados, além dos coleópteros da classificação lineana. Foram citados 43 nomes locais de besouros. Os informantes atribuíram características qualitativas aos “besouros”, muitas das quais são antropomórficas. Algumas etnoespécies de “besouros” causam danos aos moradores de Pedra Branca, uma vez que ameaçam a saúde, os materiais, os cultivos locais e plantas frutíferas. Registrou-se informação sobre a história natural de “besouros” culturalmente importantes. Conclui-se que o conhecimento etnoentomológico dos moradores de Pedra Branca sobre besouros é importante como uma fonte de informação sobre as espécies locais.

**Palavras-chave:** etnoentomologia, etnotaxonomia, besouro, conhecimento tradicional, Brasil.

**ABSTRACT:** The term “beetle” (Insecta: Coleoptera) as perceived and used by dwellers of Pedra Branca, Bahia, Brazil. Fieldwork was carried out from April to December 2004. Data were obtained from 49 individuals (20 men and 29 women) by means of open-ended tape-recorded interviews and following an emicist approach. Results show that the generic taxon “beetle” is used as an ethnotaxonomic category that brings together not systematically related organisms, besides the Coleoptera of the Linnaean classification. A total of 43 beetle local names were cited. People have attributed qualitative characteristics to these “beetles”, many of which are anthropomorphic. “Beetles” cause damages to human beings since they harm their health, materials, and local crops and fructiferous plants. Information on the natural history of culturally significant “beetles” was recorded. It is concluded that the traditional entomological knowledge of Pedra Branca’s inhabitants concerning the beetles is important as a source of information about local species.

**Key words:** ethnoentomology, ethnotaxonomy, beetles, traditional knowledge, Brazil.

## Introdução

Os insetos vêm exercendo uma influência significativa nos sistemas culturais de diferentes sociedades humanas. O estudo de como esses organismos são percebidos, conhecidos, classificados e utilizados por diferentes povos é de domínio da Etnoentomologia (Costa Neto, 2002), a qual, segundo a perspectiva da Etnoecologia Abrangente (Marques, 2002), pode ser definida como o estudo transdisciplinar dos pensamentos (conhecimentos e crenças), dos sentimentos e dos comportamentos que intermediam as relações entre as populações humanas e os insetos (Costa Neto, 2000).

Dentre os insetos com os quais os seres humanos

mantêm interações culturais, destacam-se os besouros (Coleoptera). Esses artrópodes têm sido utilizados como fontes de recursos medicinais, alimentares, lúdicos e estético-decorativos, bem como participam de práticas mágicas e religiosas e estão presentes nos mitos, rituais e simbolismo de diferentes etnias, tanto passadas quanto presentes (Costa Neto, 2002). No que diz respeito ao uso medicinal, por exemplo, várias espécies de besouros são registradas na matéria médica da antiguidade (Carrera, 1993). Costa Neto (2002) menciona o uso de besouros como recursos entomoterapêuticos no tratamento de diferentes afecções: problemas respiratórios, arranhões e feridas (perebas),

distúrbios gástricos causados por alimentos (comida que faz mal), ataque asmático, reumatismo, anemia, diarreia e disenteria, problemas dermatológicos, impotência sexual e irritação ocular. A utilização medicinal de insetos, muitas vezes considerada como simples superstição popular, já forneceu provas de sua importância para a ciência médica moderna. Kunin e Lawton (1996) mencionam que uma droga anticâncer, chamada dicostatina, foi isolada das pernas do Scarabaeidae *Allomyrina dichotomus* (L., 1758).

Os coleópteros são considerados o maior grupo de insetos consumidos pelos seres humanos (Ramos-Elorduy, 2000). Ramos-Elorduy e Moreno (2004) registraram 126 espécies de besouros comestíveis, pertencentes a 20 famílias, em 18 estados da República Mexicana. Cerca de 47% dos besouros são consumidos no estado larval, 14% como larvas e pupas, 29% como larvas e adultos e 10% no estado adulto. Em Papua Nova Guiné, a etnia Kubo consome as larvas e pupas de *Rhynchophorus ferrugineus papuanus* Kirsh (Kalshoven, 1981) que vivem nas palmeiras “sago” (Dwyer e Minnegal, 1991). Os índios Suruí, do Parque Indígena Aripuanã, Rondônia, consomem larvas de *Pachymerus cardo* Fahraeus, 1839 e *Caryobruchus* sp., denominadas “Kadeg” e obtidas do coco da palmeira-babaçu. Os “Kadeg” podem ser consumidos crus ou fritos em sua própria gordura. As larvas fritas são apreciadas como acompanhamento de milho assado e pipocas, ou misturadas ao mingau de milho verde. Eles também consomem larvas de *Rhynchophorus palmarum* (L., 1758) e *Rhina barbirostris* Fabr., 1775 (Coimbra Júnior e Santos, 1993).

Besouros também estão envolvidos em diversas atividades lúdicas: *Cybister tripunctatus* Oliv., 1759 (Dytiscidae) é utilizado em um tipo de jogo de roleta na Coreia do Sul (Pemberton, 1999). Na Papua Nova Guiné, grandes gorgulhos são usados como instrumentos musicais: a boca humana serve de caixa de ressonância para as vibrações das asas do inseto (Meyer-Rochow, 1978/1979). Evans e Bellamy (1996) comentam que no México existe um tipo de brincadeira na qual indígenas passam uma pasta feita de besouros brilhantes em seus corpos com o objetivo de assustar outras pessoas, que ainda não estão familiarizadas com esse tipo de atividade lúdica.

Os colépteros também têm valor como peças decorativas. Na civilização egípcia, a imagem dos besouros escarabeídeos costumava ser gravada em jade, em feldspato verde e até em pedras preciosas, principalmente esmeraldas; dessa forma, eram

usadas como ornamento (Carrera, 1995). Ronecker (1997) acrescenta ainda o uso de escaravelhos, também no Egito, em anéis, pingentes e selos. No interior de Minas Gerais, Carrera (1982) encontrou broches confeccionados com as seguintes espécies: *Polychalca (Desmonota) variolosa* (Weber, 1801), um cassidíneo; *Eutimus imperialis* (Forst, 1771), um curculionídeo; e *Lamprocyphus germani* (Boheman, 1833), também curculionídeo. Os élitros de *Euchroma gigantea* L., 1764 são usados por tribos indígenas da América do Sul em brincos, colares, ornamentos para a cabeça e outras peças decorativas (Posey, 1986; Evans e Bellamy, 1996).

O uso de besouros em práticas mágicas e rituais também está registrado em diferentes culturas. Para os antigos egípcios, o escaravelho era símbolo cíclico do sol e da ressurreição. Por conseguinte, era usado como amuleto porque se pensava que encerrasse em si mesmo o princípio do “eterno retorno” (Ronecker, 1997). Esses besouros eram adorados no culto que se prestava ao deus Khepera, também chamado de Ra. Essa divindade, considerada criador e pai de todos os deuses, tinha a figura de um corpo humano, mas uma cabeça de escaravelho (Carrera, 1995). Os egípcios colocavam nas múmias um escaravelho no lugar do coração. Na cena da psicostasia (pesagem das almas), o coração era a testemunha moral do falecido, o julgamento de sua consciência. O amuleto na forma de escaravelho devia impedir o coração de testemunhar contra o morto (Ronecker, 1997). Os Uitoto que vivem na Amazônia colombiana têm um profundo respeito pelos escaravelhos e fazem o possível para não danificá-los (Gasca, 2005). Segundo esses índios, não se deve tocar nem maltratar os escaravelhos, especialmente aqueles de cores brilhantes, porque podem produzir enfermidades. Os escaravelhos de hábitos fitófagos têm um significado diferente ao dos escaravelhos coprófagos, uma vez que estes últimos são qualificados como prejudiciais e nocivos, enquanto que os escaravelhos que se alimentam de madeira, cipós, ervas e até de flores são respeitados, adquirindo um significado de devoção por parte dos Uitoto.

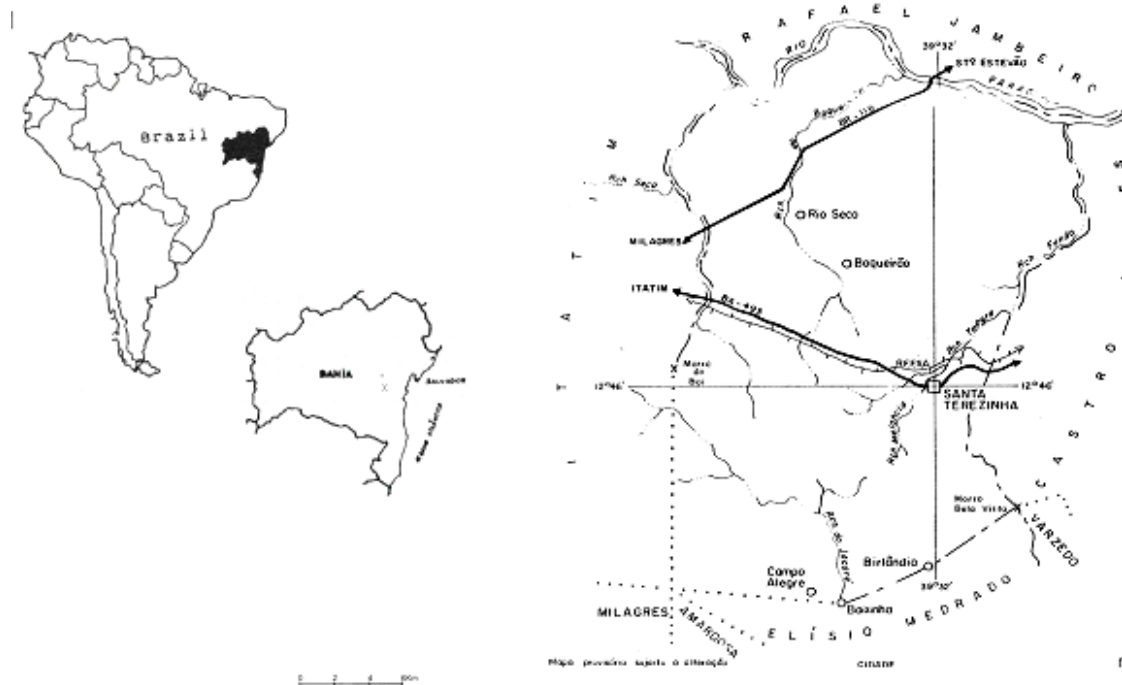
Certas tribos que vivem desde o Senegal a Burkina Faso acreditam que os escaravelhos são enviados pelos feiticeiros, sendo portadores de males ou doenças e um inseto em vôo deve ser evitado, particularmente se tenta pousar em alguém (Huis, 1996). Verger (1996) comenta que tanto na Nigéria quanto na República do Benin, escaravelhos (Scarabaeidae) são utilizados quando se quer enlouquecer alguém.

Uma vez que a visão sobre os insetos, sua

deseja cobrir) e estruturadas (baseadas na apresentação de uma lista contendo nomes locais de besouros registrados anteriormente por Costa Neto, 2003). Foram entrevistados 20 indivíduos do sexo masculino e 29 do sexo feminino, cujas idades variaram de 9 a 85 anos. As entrevistas foram feitas seguindo-se abordagem emicista, que diz respeito ao modo como os membros da cultura sob estudo percebem, estruturam, classificam e articulam seu universo em seus próprios termos (Posey, 1986).

Em um primeiro momento, os indivíduos foram abordados indistintamente, mas depois se buscou consultar aqueles que demonstraram ter mais conhecimentos sobre os besouros e de seus usos variados. Os objetivos da pesquisa eram explicados de maneira clara no início de cada entrevista, perguntando-se aos sujeitos da pesquisa se consentiam em dar informações e serem eventualmente fotografados. Após serem esclarecidos sobre a finalidade da pesquisa, os moradores permitiam o registro de dados. Poucos foram os casos em que o indivíduo não quis participar, respeitando-se sua decisão. As entrevistas foram registradas em fitas micro-cassetes e as transcrições *ipsis litteris* encontram-se mantidas no Laboratório de Etnobiologia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), assim como os demais registros etnográficos.

Os dados foram obtidos por meio de entrevistas abertas (conversações casuais), semi-estruturadas (baseadas em uma lista de tópicos ou questões que se



---

Maringá, v. 28, n. 1, p. 71-80, Jan./March, 2006

Com o intuito de obter uma amostra das espécies de besouros que habitam na região, recipientes de plástico de boca larga contendo álcool 70% eram deixados em algumas residências para que os próprios moradores coletassem espécimes de besouros; eles eram recolhidos no retorno seguinte. Na ocasião, eram realizados testes projetivos, quando os indivíduos eram questionados sobre o conteúdo dos frascos, registrando-se informações etnoentomológicas. Os entrevistados também se referiam aos insetos através de suas imagens representativas, vindas à mente pela via da memória. Os espécimes coletados foram tratados conforme métodos usuais, identificados ao menor nível taxonômico possível (gênero e/ou espécie) e depositados na Coleção de Entomologia do Museu de Zoologia da UEFS.

Os dados foram analisados seguindo-se um enfoque emicista-etnicista balanceado (Sturtevant, 1964), levando-se em consideração toda e qualquer informação pertinente ao tema pesquisado. Os controles foram feitos através de testes de verificação de consistência e de validade das respostas (Marques, 1991), recorrendo-se a entrevistas repetidas em situações sincrônicas (quando uma mesma pergunta é feita a informantes diferentes em tempo bastante próximo) e diacrônicas (quando uma pergunta é repetida ao mesmo informante em tempos bem distintos).

### Resultados e discussão

No sistema de classificação etnoentomológico dos moradores de Pedra Branca, o termo “besouro” reúne, além de Coleoptera, outros insetos que são percebidos e identificados como tipos de besouros, como barata (Blattodea), barbeiro (Hemiptera, Reduviidae), mangangá (Hymenoptera, Anthophoridae), cavalo-do-cão (Hymenoptera, Pompilidae), besouro-do-monze (Hemiptera, Reduviidae), entre outros. Aparentemente, isso demonstra que os indivíduos têm uma etnotaxonomia “rasa” para esse grupo de insetos (Bentley e Rodríguez, 2001). Embora sejam organismos facilmente observados, apresentam importância cultural pouco significativa para a comunidade estudada. Desse modo, o conhecimento entomológico tradicional dos moradores de Pedra Branca sobre os “besouros” não é profundo, porém consistente com a ciência entomológica acadêmica devido ao grau de “acertos” quando se comparam os dois sistemas de conhecimento.

Levando-se em consideração a categoria nativa “besouro”, os entrevistados citaram 43 nomes para esses insetos. Muitos desses nomes são sinônimos, uma vez que um mesmo informante citava dois ou mais termos para se reportar à mesma etnoespécie e/ou

morfoespécie. O agrupamento, sinonímia e identificação taxonômica das etnoespécies de “besouros” estão na Tabela 1. A sinonímia dos nomes locais para os “besouros” também pode ser verificada nos seguintes depoimentos:

É o besouro-de-luz chamado. É o besouro-elétrico. Ele também é chamado besouro-boi (“Seu” M., 60 anos, referindo-se ao besouro-de-chifre).

Esse vaga-lume-de-vagem, uns trata vaga-lume-de-vagem e outros chama vaga-lume-bate-cabeça também (“Seu” A., 53 anos).

**Tabela 1.** Agrupamento e sinonímia das etnoespécies de “besouros” citadas pelos moradores de Pedra Branca, Santa Terezinha, Bahia.

Etnoespécie	Sinônimos	Taxonomia
Barata	...	<i>Periplaneta americana</i>
Barbeiro	...	Reduviidae
Besouro-azul	...	Tenebrionidae
Besouro-bicudo	...	Curculionidae
Besouro-casquete	...	Scarabaeidae
Besouro-de-chifre	Besouro-chifrado, besouro-elefante, besouro-boi, besouro-suco, besouro-grandão, besouro-de-luz, besouro-elétrico	<i>Dynastes hercules</i> e tipos relacionados
Besouro-de-goia	...	Reduviidae
Besouro-do-monze	...	Reduviidae
Broca	...	<i>Hypothenemus hampei</i>
Caçador	...	Sphecidae
Cavalo-do-cão	...	Pompilidae
Joaninha	Besouro-joanamidim	Coccinellidae
Lagarta-da-madeira	...	Diferentes famílias
Lagarta-do-indaia	...	<i>Pachymeris</i> sp.
Lagarta-do-licuri	...	<i>Pachymeris nucleorum</i>
Lagarta-do-coqueiro	...	<i>Rhyncophorus palmarum</i>
Mangangá	...	Anthophoridae
Potó	...	<i>Paederus</i> cf. <i>brasilensis</i>
Rola-bosta	Besouro-cascudo, cascudinho	Scarabaeidae
Serrador	Serra-pau, besouro-chen-chen	Cerambycidae
Serrador-de-jaqueira	Serrador-de-pé-de-jaca	<i>Acrocinus longimanus</i>
Soldadinho	...	Acrididae
Tatuzinho	João-bobo, piolho-de-urubu	Cincidellidae
Vaga-lume	...	Lampyridae
Vaga-lume-de-vagem	Vaga-lume-de-estralo, vaga-lume-traco-traco, vaga-lume-bate-cabeça	Elateridae

A etimologia do nome comum pode ser instrutiva sobre uma ou mais propriedades do inseto. Parafraseando Daly (1998), todos os elementos de um inseto – conceitos e percepções a seu respeito, suas partes anatômicas, seus usos e as relações com outros organismos – podem, em um dado momento, ser unificados por um identificador único: seu nome. Os nomes comuns podem revelar bastante sobre muitos desses elementos. Dessa maneira, Daly (1998), enfatiza que os nomes comuns, vernáculos ou nativos devem ser tratados com atenção meticulosa, ou sua

informação e utilidade se perdem. Além disso, os nomes locais têm uma finalidade prática, pois é útil conhecer e diferenciar nominalmente os diversos tipos de besouros na área para saber quais os mais agressivos, quais trazem transtornos à saúde dos indivíduos, quais são pragas e quais podem ser utilizados como alimento, remédio etc. (Costa Neto, 2003). Esse autor registrou 18 etnonomes de abelhas, três etnonomes de cigarras, 21 etnonomes de formigas e 49 etnonomes de marimbondos para o povoado de Pedra Branca.

No processo de identificação nominativa dos insetos categorizados como “besouros” neste estudo, os moradores de Pedra Branca levam em consideração diferentes aspectos relacionados com morfologia, comportamento, ecologia e ação antropogênica desses insetos. Dessa maneira, procurou-se registrar explicações locais para os nomes dos “besouros” (Tabela 2). De acordo com uma interpretação eticista (academicista), os nomes locais são formados com base nos seguintes critérios: cor, forma do corpo, forrageamento, hábitat, reprodução, defesa e artropodose.

Durante as entrevistas, os indivíduos geralmente se referiam aos “besouros” atribuindo-lhes certas características qualitativas, muitas das quais antropomórficas (p. ex., bonito, brabo, danado, inofensivo, malvado e valente). Essas expressões revelam os sentimentos e comportamentos ambíguos de nojo, apreço, admiração, desprezo, medo e aversão

que os moradores de Pedra Branca demonstram por esses insetos. A ação antropogênica (casos de artropodoses) dos “besouros” é evidenciada nos depoimentos abaixo:

É muito ofensivo. Vixe Maria! Quando pica é dor de cabeça, febre e outros bicho mais. Quando ferra a pessoa ele enfia a agulha e solta um líquido (Seu M., 38 anos, referindo-se ao cavalo-do-cão).

Ele é um bichinho que quando nos ferra ele deixa uma roncha, uma marca vermelha no corpo [...]. A gente já sabe que foi o potó que nos mijou. A pele fica parecendo que foi uma coisa queimada (D., 32 anos).

Ele não morde, mas se a gente pegar nele, ele junta as unha assim e fura. Fura a pele da gente (Seu A., 78 anos, referindo-se ao vaga-lume).

Lenko e Papavero (1996) comentam sobre a crença generalizada em todo o Brasil de que alguém pode sofrer cegueira caso segure um vaga-lume entre os dedos e em seguida, esfregue descuidadamente os olhos. Na Amazônia, alguns indivíduos têm receio desse inseto, achando-o venenoso, tanto que se um vaga-lume cai ocasionalmente na comida, joga-se todo o prato fora. Esses autores também registram que na Argentina os roceiros catamarquenhos acreditam que os vaga-lumes, ao se introduzirem no ouvido, provocam surdez; ao vê-los, as crianças tapam os ouvidos.

**Tabela 2.** Explicação para os nomes dos “besouros”, segundo os moradores de Pedra Branca, Santa Terezinha, Estado da Bahia. Exemplos selecionados.

Interpretação eticista	Nome comum	Explicação nativa
Antropogênico (artropodose)	Potó	Porque ele queima as pessoas [...]. No lugar da urina dele intoxica a pessoa (Seu M., 38 anos).
Hábitat	Lagarta-do-licuri	Ela é virada do licuri mesmo e veve dentro da casca do licuri. Quando a gente quebra o licuri, ela tá dentro (Dona M., 37 anos).
	Vaga-lume-de-vagem	Porque ele só é de brejo, né? Ele só vive mesmo em lugar de brejo, lugar aguado. Então, o povo chama vaga-lume-de-vagem por isso. Lugar de brejo, né? (Dona A., 64 anos).
Comportamento (forrageamento)	Caçador	Porque ele caça mesmo. Ele fareja outro inseto (Seu M., 38 anos).
	Rola-bosta	Porque se ele achar qualquer bosta no caminho, ele faz aquela bola e vai enrolando, enrolando até chegar no buraco. Ele joga ali pra dentro e entra (Seu B., 38 anos).
Comportamento (reprodução)	Serrador	Porque ele serra as árvores. Ele serra os galhos de árvore mais fino que fica do mesmo jeito como se fosse um serrote, bem serradinho (P., 23 anos).
	Vaga-lume	Porque ele clareia a noite. Dá aquela faixa. Em qualquer lugar que ele tiver ele acende a luzinha e fica acesa. É duas lâmpadazinha que ele tem (Seu A., 78 anos).
Comportamento (defesa)	Besouro-chen-chen	Chen-chen é porque a gente bole e ele faz chen, chen, chen, chen. Só isso (Seu B., 80 anos).
	Vaga-lume-de-estralo	Quando você pega no corpo dele, a cabeça fica assim, ó. Bate e dá aquele estralo (Seu M., 38 anos).
Morfologia	Cavalo-do-cão	Porque é preto e valente (Seu B., 38 anos).
	Besouro-bicudo	O bicudo é porque ele tem um bico comprido. Aí a gente trata de bicudo (Seu A., 53 anos).
	Besouro-de-chifre	Porque ele tem os chifre mesmo e tem os chifre por cima. Tem dois chifrinho assim. Tem uns que têm quatro chifre e tem uns que têm só dois (Seu A., 78 anos).
	Tatuzinho	É tanto que quando a gente mexe com ele, ele fica uma bola mesmo. Ele vai andando é a mesma coisa de um tatu (Seu M., 38 anos).

Uma substância chamada cantaridina, presente nas articulações das patas dos potós pertencentes à família Meloidae, ao entrar em contato com a pele, causa vesicação ou bolhas semelhantes a calos d'água, que queimam ou causam ardor. *Paederus* spp. produzem a pederina, uma amida cristalina de potente ação cáustica e vesicante. Os sintomas de ardor e prurido são mais intensos nos acidentes em que a pederina está envolvida, tendendo a formar eritema mais intenso e vesículas de menor tamanho que confluem e formam bolhas (Cardoso e Haddad Júnior, 2003).

Costa Neto (2003), trabalhando no mesmo povoado, registrou danos causados por três etnoespécies de “besouros”: cavalo-do-cão, mangangá e potó.

Além das injúrias mecânicas, os entrevistados também falaram sobre estragos que duas etnoespécies de besouros causam nos cultivos e frutíferas locais, conforme descritos nos depoimentos abaixo:

As que ele mais serra é caju, pinha, aracá, tudo ele serra (‘Seu’ A., 78 anos, referindo-se ao serrador).

Ele serra mais é cajueiro, mangueira e monzê [...]. Agora, lá pelas mata, eu sei que ele serra mais, né? (“Dona” A., 64 anos, referindo-se ao serrador).

É verde nas costas, porque atinge as planta de verdura. Ele senta no tomate, nas alface. O tomate mesmo ele atinge tanto que queima as folha (‘Seu’ A., 53 anos, referindo-se ao rola-bosta).

Na literatura existem registros de danos aos cultivos causados por diferentes Coleoptera. Parra *et al.* (1992) citam um besouro da família Scolytidae, cuja larva é chamada de broca-do-café (*Hypothenemus hampei* Ferrari, 1867), que ataca os frutos do cafeeiro em qualquer estado de maturação, desde frutos verdes até maduros (cerejas) ou secos. Batista *et al.* (1992) mencionam que *Coelosternus granicollis* (Pierce, 1916), *Epitrix* spp. e *Conoderus* sp. também atacam o cafeeiro. A primeira causa o secamento das ramas, podendo causar-lhes a morte. A segunda alimenta-se das folhas, causando furos característicos e as larvas também danificam as radículas. As larvas da terceira atacam os caules novos das plantas, perfurando-os e causando a morte dessas.

Costa Neto (2003), em Pedra Branca, registra que o besouro *Heilipus naevilus* Mann, 1836 (Curculionidae) danifica a uva (*Vitis vinifera* L.) e que um tipo de Cerambycidae (espécie não identificada) foi considerado como praga do cajueiro (*Anacardium occidentale* L.), especialmente quando esse se encontra em floração.

Em Pedra Branca, os “besouros” e demais insetos

pragas são combatidos por meio do uso de agrotóxicos, que os entrevistados conhecem pelos seguintes termos: formicida, veneno, inseticida e remédio. Muitas vezes, porém, ocorre ação mecânica com o uso de vassouras ou pedaços de madeira, como se observa nos seguintes depoimentos: “A gente mata com vara, com vassoura, com o que tiver no momento” (“Dona” M., 58 anos, referindo-se ao mangangá); “Não é fácil de morrer. Pra pessoa conseguir matar ele só se bater mesmo com um pau” (F., 22 anos, referindo-se ao besouro-de-chifre).

Embora os entrevistados tenham citado diferentes tipos de “besouros”, poucos tiveram sua história natural descrita de maneira mais detalhada. Sendo assim, discutem-se três “besouros” que foram mais citados: besouro-de-chifre, potó e serrador.

Em relação ao primeiro, os entrevistados falaram sobre morfologia (cor, tamanho, forma do corpo e consistência do tegumento), hábitat, sazonalidade, dimorfismo sexual e fototropismo positivo, como demonstram os depoimentos abaixo:

Ele tem um chifre mesmo. O macho tem o chifre, a fêmea não tem. É preto. Tem um que a parte superior tem um ganchinho. Tem outros que não têm gancho nenhum. Só tem um cabelinho por baixo do bico (‘Seu’ M., 38 anos).

Ele vive lá na serra, lá na serra da pioneira. De lá vem pra aqui (‘Dona’ M., 37 anos).

A gente encontra mais ele na casca de jaqueira [...]. Mas não vive só na jaqueira (Seu B., 38 anos).

Quando é nas trovoadas ele vem pra aqui (‘Seu’ A., 78 anos).

Ele gosta de aparecer de setembro em diante, que é o tempo que tá quente. Aí ele aparece (‘Dona’ M., 37 anos).

Gosta muito de luz. Ele não güenta vê luz. Se a senhora chegar num mato desse aí e ligar uma lâmpada, ele vem doidozim. Ele não güenta vê um poste (‘Seu’ M., 60 anos).

Os coleópteros da família Scarabaeidae, os quais incluem os besouros-de-chifre (subfamília Dynastinae), variam muito em tamanho, cor e hábitos (Borror e DeLong, 1969). São besouros de corpo robusto, ovais ou alongados, usualmente convexos. Variam consideravelmente em hábitos. Os dinastíneos, segundo esses autores, representam os maiores escarabeídeos dessa subfamília e alguns dos maiores besouros do mundo. O macho de *Dynastes hercules* (Linn.) alcança mais de 15 cm de comprimento; a cabeça é armada de um longo corno horizontal e a margem basal do pronoto apresenta um corno que se projeta para frente e é mais comprido que o da cabeça; o corpo é preto, com os

élitros verdes salpicados de manchas escuras; as fêmeas são menores, não apresentam cornos cefálicos e o corno do pronoto é proporcionalmente mais curto. *D. hercules* adultos vivem aproximadamente seis meses, enquanto o estágio larval é de cerca de 20 meses. Quando adultos, alimentam-se de frutos em decomposição e as larvas, de madeira em decomposição. Os adultos são atraídos pela luz e, dependendo das condições climáticas, centenas deles podem ser atraídos a uma fonte luminosa (Morales, 2003).

No povoado de Pedra Branca, dinastíneos são usados em atividades lúdicas pelas crianças: As crianças brincam. Pega um pauzinho e fica mexendo com ele. Aí eles pega, com o ferrão eles pega no pau e segura. Aí eles ficam brincando (E., 28 anos); Brinca com ele dizendo que é o trator, né? (Dona A., 64 anos). As crianças também amarram um cordão nos besouros, especialmente nos grandes escarabeídeos.

Costa Neto (2003), em estudo anterior realizado na mesma comunidade, registrou brincadeiras com o Cincidellidae conhecido localmente como joão-bobo, piolho-de-urubu ou tatuzinho: Colocava palito no buraco para tirar ele de dentro (V., 17 anos).

Besouros-de-chifre também são utilizados para fins estético-decorativo. Para conservá-los, os moradores injetam-lhes álcool e, às vezes, pintam os élitros. Depois de prontos, eles são colocados sobre móveis (estantes, mesas) ou pendurados nas paredes como peças decorativas. Ainda, os processos torácicos são extraídos para se fazer chaveiros e colares, como demonstram os seguintes depoimentos:

Às vezes, as pessoas botam aqueles besouro grande no álcool. Assim, pinta e bota na parede. Este daí que tem o chifre. Botava no álcool, morria, depois pintava (P., 28 anos).

O besouro que eu vejo que o pessoal bota pra enfeite é o besouro-de-chifre. Bota numa mesa só por boniteza porque ele é graúdo e tem o chifre, né? Tem gente que faz até chaveiro com o chifre, né? (Seu" A., 78 anos).

Olha, minha avó [...] ela fazia, ela, o pessoal pegava, né? [...] de besouro, desses bem grande, assim de chifre. Eles mandava pra essas pessoas que faz colar de ouro, essas coisa, né? Eles fazia esse tal de colar e elas usava. Agora não era assim colar de um besouro só, sabe? É misturado assim com coisa de prata, ouro, né? Eles faziam um colar muito bonito (Dona" A., 64 anos).

Bota um cordão na cabeça, no chifre e pendura num prego assim na parede (M., 30 anos).

Costa Neto (2003) registrou o uso de besouros-

de-chifre ou besouros-elfantes (Dynastinae) para decorar presépios, assim como o uso dos seus chifres (= bico, dentes ou ferrões) em pulseiras, colares, chaveiros e relógios entre os moradores de Pedra Branca. Lenko e Papavero (1996) registram que algumas tribos indígenas do norte do Brasil costumam usar pulseiras-amuletos feitas com os 'chifres' de *Megasoma actaeon*, às vezes bifurcados no ápice, formando dois pequenos cornos. Essas pulseiras simbolizam a força sexual e física, e os índios dizem que os chifres pendentes aumentam a potência de quem os porta.

No que se refere ao potó, os entrevistados fizeram comentários sobre morfologia, habitat, sazonalidade, comportamento e horário de atividade:

A cor dele é preto e vermelho, tem umas parte preta e vermelha. O tamanho é médio (P., 23 anos).

Ele anda com uma caudazinha assim pra cima, entendeu? ("Seu" A., 53 anos).

O potó sempre aparece assim, em qualquer tipo de grama ele gosta de andar por dentro. Ele vive no mato. Em qualquer pezinho de árvore assim baixinha ele fica. Ele fica assim aquele bucado mesmo. Chega cobre as folha ("Dona" A., 64 anos).

Eles todos só aparece mais no verão ("Dona" A., 64 anos).

Ele aparece pelo dia. Pela noite nunca vi não ("Seu" A., 53 anos).

Dois insetos diferentes são conhecidos por potós no Brasil: os pertencentes à família Meloidae e incluídos em *Epicauta* e os que pertencem à família Staphylinidae e incluídos em *Paederus*. Os primeiros se alimentam de folhas de plantas úteis, como tomate, batata e hortaliças, o que torna provável sua interação com os seres humanos; os segundos possuem hábito noturno, são atraídos pela luz artificial e se alimentam de outros insetos (Cardoso e Haddad Júnior, 2003). Esses autores ainda registraram, na região Nordeste do Brasil, intensa proliferação desses Coleoptera nos períodos chuvosos que se seguem às longas estiagens. Quando perturbados, os indivíduos adultos elevam o abdome em uma posição de ameaça (Hogue, 1993). Lenko e Papavero (1996) comentam que os potós ficam próximos às lâmpadas e invadem também as casas. Aparecem principalmente nas noites que ameaçam chuvas.

Sobre os cerambídeos, que têm por hábito serrar galhos de árvores, os entrevistados mencionaram dados sobre alimentação, comportamento, habitat, morfologia e sazonalidade:

Eu conheço o graudão que tem uma barba, uma



barbatana grande. Derruba coisas grande. E o pequenininho que pega os galho mais fraco ("Seu" R., 62 anos).

Tem o serrador-de-jaqueira (referindo-se à *Acrocinus longimanus*) que serra as galha de jaca e tem uns mais menor que vive mais em cajueiro. Tem uns grande, tem uns pequeno, tem de todo tipo. Os que vivem no cajueiro tem uns pintado, tem uns preto e uns meio esbranquicento. Os que fica no pé de jaqueira é assim pintado, com as mancha amarela, preta [...] ("Seu" B., 38 anos).

Tem uns miudinho que fica nos pés de caju, que acaba com o cajueiro. Época de primavera só vai nos galho que tá mais carregado de flor. Ele é branquinho, é da cor da casca do cajueiro mesmo. Tanto que quando cai um galho, a gente tem que procurar direitinho ele [...]. Ele corta do lado que vai cair. Aí ele cai junto. Ele não gosta muito de jaqueira porque ele se atrapalha. A serra dele enche logo de visgo. Aí ele se atrapalha. Eu acho que ele se alimenta de algum suco que ele tira da madeira, de uma resina ("Seu" M., 38 anos).

Ele faz xii, xii, xii (M., 09 anos).

A época que ele aparece é mais no verão. O serrador é no verão ("Dona" E., 55 anos).

Os Cerambycidae constituem um dos maiores grupos de insetos, com cerca de 35 mil espécies. As larvas se alimentam de componentes da madeira e os adultos nutrem-se de néctar, pólen, secreções açucaradas, flores, frutos, folhas, cascas e raízes (Paulino Neto, 2004). Hogue (1993) acrescenta que as mandíbulas são muito pesadas nas espécies maiores, alargadas e sempre poderosas para mastigar madeira. Essas mandíbulas freqüentemente trazem dentes, que deram origem à crença geral de que esses besouros serram os ramos em dois segurando as mandíbulas em volta dos ramos e voando em círculos. Borror e DeLong (1969) comentam que poucas espécies atacam árvores vivas; a maioria prefere árvores recém-cortadas ou árvores e ramos enfraquecidos ou quase mortos. Algumas espécies corroem circularmente os ramos, cavando uma nítida cintura, que freqüentemente culmina por sectionar o ramo.

Algumas espécies de Cerambycidae são capazes de serrar galhos e até troncos de árvores. Tal comportamento está relacionado com a reprodução, pois as fêmeas põem seus ovos em plantas que, por suas características (diâmetro dos ramos, idade, altura, vigor, qualidade nutricional e outras), proporcionam maior aptidão à sua prole (Paulino Neto, 2004). Encontrada a planta hospedeira, as fêmeas de algumas espécies serram ramos de plantas vivas e põem seus ovos nessas áreas serradas. O

comportamento mais especializado ocorre no gênero *Oncideres* (subfamília Lamiinae): a fêmea serra o caule de plantas jovens ou galhos com as suas potentes mandíbulas para preparar o local e em seguida, introduz seu aparelho ovopositor sob a casca e coloca os ovos. A eclosão acontece em geral de três a sete dias após a ovoposição, mas pode chegar a 25 dias (Paulino Neto, 2004). O desenvolvimento das larvas ocorre no interior do lenho, onde brocam e constroem verdadeiras galerias. Berti Filho *et al.* (1992) afirmam que a fêmea de *Oncideres impluviata* (Germar, 1824) serra os ramos da acácia-negra (*Acacia mearnsii* De Wild) e faz incisões na casca, depositando os ovos, onde as larvas se desenvolvem. Essa é a principal praga da acácia, pois ataca plantas em todas as idades, causando sensível diminuição na produção de casca e lenha.

Certas espécies produzem chiados (daí o nome local de chen-chen), que provavelmente servem para assustar ou distrair predadores (Hogue, 1993). Esse autor acrescenta que os adultos são noturnos e, às vezes, aparecem na luz artificial. No entanto, *Acrocinus longimanus* é ativo noite e dia, mas aparentemente voa após escurecer e ocasionalmente é observado ao redor da luz elétrica (Janzen, 1991).

Os grandes exemplares de serradores também são utilizados pelos moradores de Pedra Branca para fins decorativos. Os entrevistados injetam álcool para conservar esses besouros, que depois de prontos são pendurados na parede como enfeite:

Tem um serrador mesmo, que ele é tão bonito! Ele é bem bonitinho, todo listradinho de vermelho. Tem pessoas que usa pra enfeite (Dona V., 55 anos).

Ele é marrom, né? Pintado de vermelho. Lindo! Lindo! Lindo mesmo! Dá até pra enfeite ("Dona" M., 41 anos).

Embora os moradores de Pedra Branca percebam o termo "besouro" como uma categoria etnotaxonômica ampla, na qual reúnem tanto os besouros da classificação acadêmica como outros insetos não sistematicamente relacionados, pode-se dizer que eles possuem um conhecimento considerável sobre a história natural desses insetos, que inclui desde aspectos sobre distribuição, reprodução, etologia, abundância e sazonalidade a conhecimentos sobre ecologia trófica e habitat das espécies de besouros culturalmente significativas.

Algumas etnoespécies de besouros são utilizadas como recursos alimentares, lúdicos e ritualísticos. Sendo assim, esses artrópodes participam efetivamente da vida sócio-cultural dos moradores de Pedra Branca. Por outro lado, o conhecimento

entomológico tradicional sobre as espécies de coleópteros da região da Serra da Jibóia é importante para estudos em Etnoentomologia e para pesquisas relacionadas tanto com o levantamento da diversidade de insetos como o registro dos saberes tradicionais junto à população local.

## Referências

- BATISTA, G.C. de. *et al.* Pragas da mandioca, fumo, girassol e batata-doce. In: *Curso de entomologia aplicada à agricultura*. Piracicaba: Fealq, 1992, p. 411-440.
- BENTLEY, J.W.; RODRIGUEZ, G. Honduran folk entomology. *Current Anthropol.*, New York, v. 42, n. 2, p. 285-301, 2001.
- BERTI FILHO, E. *et al.* Pragas das espécies florestais arbóreas. In: *Curso de entomologia aplicada à agricultura*. Piracicaba: Fealq, 1992, p. 603-630.
- BORROR, J.D.; DeLONG, D.M. A relação dos insetos com o homem. In: BORROR, J.D.; DeLONG, D.M. (Ed.). *Introdução ao estudo dos insetos*. São Paulo: Edgard Blucher, p. 525-544. 1969.
- CARDOSO, J.L.C.; HADDAD JR., V.H. Acidentes por coleópteros vesicantes e outros artrópodes. In: CARDOSO, J.L.C. *et al.* (Ed.). *Animais peçonhentos no Brasil – biologia, clínica e terapêutica dos acidentes*. São Paulo: Sarvier, p. 252-263. 2003.
- CARRERA, M. Nota sobre insetos utilizados como adorno. *Rev. Bras. Entomol.*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 133-135, 1982.
- CARRERA, M. Terapêutica entomológica. *Rev. Bras. Entomol.*, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 193-198, 1993.
- CARRERA, M. Escarabeídeos fúnebres e sagrados. *Rev. Bras. Entomol.*, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 475-477, 1995.
- CENTRO DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÕES (CEI). *Informações básicas dos municípios baianos: recôncavo sul*. Salvador: Governo do Estado, 1994. p. 543-563.
- COIMBRA JR., C.E.A.; SANTOS, R.V. Bicudo das palmeiras: praga ou alimento? *Cienc. Hoje*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 95, p. 59-60, 1993.
- COSTA NETO, E.M. *Manual de etnoentomología*. Zaragoza: Manuales & Tesis SEA, v. 4, 2002.
- COSTA NETO, E.M. *Etnoentomologia no povoado de Pedra Branca, município de Santa Terezinha, Bahia, um estudo de caso das interações seres humanos/insetos*. 2003. Tese (Doutorado)-Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.
- DALY, D.C. Systematics and ethnobotany: what's in a name? In: FONSECA, V.S. da. *et al.* (Org.). *Etnobotânica: bases para conservação*. Seropédica: Edur., p. 50-68. 1998.
- DWYER, P.; MINNEGAL, M. Hunting and harvesting: the pursuit of animals by Kubo of Papua New Guinea. In: PAWLEW, A. (Ed.). *Man and a half: essays in Pacific anthropology and ethnobiology in honour of Ralph Bulmer*. Auckland: The Polynesian Society, p. 86-95. 1991.
- EVANS, A.V.; BELLAMY, C.L. *An inordinate fondness for beetles*. Nova York: Henry Holt and Company, 1996.
- GASCA, H.J. El significado de los escarabajos (Coleoptera: Scarabaeoidea) en una comunidad Uitoto de Leticia, Amazonas (Colombia): una exploración preliminar a su conocimiento etnoentomológico. *Bol. Soc. Entomol. Arag.*, Zaragoza, n. 36, p. 309-315, 2005.
- HOGUE, C.L. *Latin American insects and entomology*. Berkeley: University of California Press, 1993.
- HUIS, A. Van. The traditional use of arthropods in subsaharan Africa. *Proceedings of the section experimental and applied entomology of the netherlands entomological society N.E.V.*, Amsterdam, v. 7, p. 3-20, 1996.
- JANZEN, D.H. *História Natural de Costa Rica*. San José: C. R. Editorial de la Universidad de Costa Rica, 1991.
- JUNCÁ, F.A. *et al.* Herpetofauna da Serra da Jibóia - Bahia: novas ocorrências. In: ENCONTRO DE ZOOLOGIA DO NORDESTE, 12., 1999, Feira de Santana. *Resumos...* Feira de Santana: UEFS, 1999. p. 412.
- KUNIN, W.E.; LAWTON, J.H. Does biodiversity matter? Evaluating the case for conserving species. In: GASTON, K.J. (Ed.). *Biodiversity: a biology of numbers and difference*. Oxford: Oxford Blackwell Science, p. 283-308. 1996.
- LENKO, K.; PAPAVERO, N. *Insetos no Folclore*. São Paulo: Plêiade/Fapesp, 1996.
- MARQUES, J.G.W. *Aspectos ecológicos na etnoictiologia dos pescadores do Complexo Estuarino-lagunar Mundaú-Manguaba*. 1991. Tese (Doutorado)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.
- MARQUES, J.G.W. O olhar (des)multiplicado. O papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. In: AMOROZO, M.C.M. *et al.* (Ed.). *Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas*. Rio Claro: Unesp/Cnpq, p. 31-46. 2002.
- MEYER-ROCHOW, V.B. The diverse uses of insects in traditional societies. *Ethnomedicine*, Munich, v. 5, n. 3/4, p. 287-300, 1978/1979.
- MORALES, W.T. *Dynastes hercules*, [S.l.: s.n.], 2003. Disponível em: <<http://www.vivabrazil.com/dynastes.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2005.
- PARRA, J.R.P. *et al.* Pragas do cafeeiro. In: *Curso de entomologia aplicada à agricultura*. Piracicaba: Fealq, p. 355-386. 1992.
- PAULINO NETO, H.F. Lenhadores da natureza. *Cienc. Hoje*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 208, p. 67-69, 2004.
- PEMBERTON, R.W. Insects and other arthropods used as drugs in Korean traditional medicine. *J. Ethnopharmacol.*, Leiden, v. 65, p. 207-216, 1999.
- POSEY, D.A. Etnoentomologia de tribos indígenas da Amazônia. In: RIBEIRO, D. (Ed.). *Suma etnológica brasileira: etnobiologia*. Petrópolis: Vozes/Finep, p. 251-271. 1986.
- RAMOS-ELORDUY, J. La etnoentomología actual en México en la alimentación humana, en la medicina tradicional y en la reciclaje y alimentación animal. In: CONGRESO NACIONAL DE ENTOMOLOGÍA, 35., 2000, Acapulco. *Memorias...* Acapulco: Sociedad Mexicana de Entomología, 2000. p. 3-46.

RAMOS-ELORDUY, J.; MORENO, J.M.P. Los Coleoptera comestibles de México. *Anales del Instituto de Biología de la UNAM. Serie Zoología*, Ciudad de México, v. 75, n. 1, p. 149-183. 2004.

RONECKER, J.P. *O simbolismo animal: mitos, crenças, lendas, arquétipos, folclore, imaginário*. São Paulo: Paulus, 1997.

STURTEVANT, W.C. Studies in ethnoscience. *Am.*

*Anthropol.*, New York, v. 66, n. 3, p. 99-131, 1964.

VERGER, P. *Ewé: o uso das plantas na sociedade iorubá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

*Received on August 22, 2005.*

*Accepted on March 15, 2006.*